REVISTA
Imprensa Jovem

Uma ação Educom- Metodista

Dezembro de 2024

Cultura e Arte PARA TODOS

TEATRO
MÚSICA
DANÇA
DESENHOS
E A EFERVESCÊNCIA DO MUNDO

REVISTA Imprensa Jovem

Uma ação Educom- Metodista

EXPEDIENTE

A **REVISTA IMPRENSA JOVEM** é desenvolvida pelos alunos do ensino fundamental e médio matriculados nas escolas da rede municipal de ensino, em uma parceria entre a Prefeitura de São Paulo (Núcleo de Educomunicação da Secretaria Municipal de Ensino) e a Universidade Metodista de São Paulo. Colaboram nesta edição:

EMEF HUMBERTO DANTAS
Estudantes
Maria Eduarda Rocha Nascimento
Maria Eduarda Ferraz de Oliveira
Luanna Souzza Basílio
Maria Clara Moreira Santos
Nicoly Giovanna Menezes Mendes
Pedro Henrique do Carmo
Jenifer Laura Huallpara
Habes Joel Justiniano Mendez
Professora
Patricia Fernandes Dias Torres

EMEF JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA
Estudantes
Beatriz Andrade da Silva
Brenda da Costa Oliveira
Clara Ramos de Souza
Danielle Martins Menezes
Gabrielly Pereira Araújo
Mariane Vitória N. Santana da Silva
Rafaela Silvério de Souza
Raiane Suellen dos Santos Mota
Rayka Nascimento Caparron
Renato Samuel Batista Santos
Sthefany Silva Cardoso
Yasmin Vitória Nogueira Jorge
Professora
Dalvana Aragão de Souza

EMEF MARIA APARECIDA RODRIGUES CINTRA
Estudantes
Ana Clara Matias
Carlos Eduardo Vasconcelos
Davi Santos
Heitor Fernandes
Helena Nakao
Hillary Guimarães
Leticia Massuchette
Walentyna Paulino Yasmin Oliveira
Professora
Clara Possebon

EMEF DOM PAULO ROLIM LOUREIRO
Estudantes
Alice Furlan Claro Batista
Isaque Araujo dos Santos
Ivan Sulliver de Freitas
Murilo de A. Pontes Camargo
Professora
Jocilene Nascimento de Oliveira

EMEF TARSILA DO AMARAL
Estudantes
Danilson Deimar Zeballos Quispe
Daphine Teixeira Silva
Nicole Alves Batista
Sophia Vitória Silva Gonçalves
Tayla de Matos Costa Silva
Thaiany Castaldi Oliveira
Zaila Isabelle Silva
Professor
Luis Mario da Conceição

Participação especial
Rebeca Reis Portella
Victor de Araújo Silva

COLABORADORES DA EDIÇÃO
Onézio Cruz (ilustrador)
José Reis Filho (projeto gráfico)
Helena Schiavoni Sylvestre (texto)
EMEF Paulo Duarte (reportagem)

CAPA
Desenho: Helena Nakao
Foto: Acervo do prof. Betto Pita

EQUIPE UNIVERSIDADE METODISTA DE SP
Pós-Gradução: Alunos POSCOM
Adriana Cristina A. do Amaral
Carlos Felipe Carvalho
Helena Schiavoni Sylvestre
Renata Eisenger
Glauciane Mont Serrate

Apoio
Projeto Comunica, Nossa Gente!
Cátedra UNESCO de Comunicação
Grupo de Pesquisa MOB-Com

COORDENAÇÃO GERAL
Camila Escudero (professora da Universidade Metodista de São Paulo e jornalista responsável pela edição – Mtb: 39.564)
Carlos Lima (coordenador do Núcleo de Educom/SME)

A **REVISTA IMPRENSA JOVEM** é aberta a todos os estudantes, de todas as séries e escolas, públicas e particulares, de todos os lugares. Falamos de todos os temas. Vamos atrás da informação, entrevistamos, checamos, escrevemos, editamos, produzimos. E, nesse processo, aprendemos muito, ganhamos autonomia e exercemos nosso direito à comunicação. Toda colaboração é bem-vinda! Quer fazer com a gente? Entre em contato. Sugira uma pauta. Trabalhamos juntos. E-mail: camila.escudero@metodista.br.

A importância da *diversidade cultural*

Carlos Lima
Coordenador do Núcleo de Educomunicação da Prefeitura de São Paulo

O Imprensa Jovem percorreu muitos caminhos neste ano, explorando diferentes culturas e ampliando horizontes.

A experiência levou nossos jovens repórteres a dois gigantes mundiais: China e Estados Unidos. Mais do que visitar esses países, tivemos a oportunidade de mergulhar na diversidade cultural que eles oferecem e de conectar com pessoas de diferentes partes do mundo.

Na ONU, vivenciamos um ambiente onde ideias de todas as regiões se encontram para construir o diálogo global. Já na China, a riqueza de uma cultura milenar contrastou com a presença marcante da alta tecnologia, mostrando que tradição e inovação podem coexistir. Nos Estados Unidos, experimentamos a dinâmica de um país que dita tendências culturais e tecnológicas, influenciando o restante do planeta.

Além disso, o G20 nos proporcionou um espaço único: um verdadeiro laboratório de intercâmbio cultural. Nossos jovens repórteres puderam dialogar com seus pares de outras nações, compartilhando histórias e aprendendo com diferentes perspectivas. Essa experiência reforçou um aprendizado essencial: a cultura é uma língua universal.

Cada região do mundo tem sua própria identidade cultural — ou várias delas. Embora as diferenças possam, à primeira vista, gerar estranhamento, é justamente essa diversidade que atrai o diálogo e cria pontes entre as pessoas.

Por isso, a **Revista Imprensa Jovem** escolheu a cultura como tema central de suas matérias desta edição. Queremos destacar o poder que ela tem de conectar pessoas, inspirar ideias e promover a troca de conhecimentos.

Este é um convite para as escolas: que tal explorar os encantos culturais da sua comunidade? As reportagens culturais podem ser a janela para mostrar ao mundo as histórias, tradições e expressões artísticas que tornam cada escola única. Juntos, vamos construir uma revista que celebre a riqueza das culturas que nos cercam.

O **Imprensa Jovem** acredita que contar histórias culturais é uma maneira poderosa de transformar o aprendizado em um diálogo criativo e inspirador. Vamos nessa?

"A arte existe porque a vida não basta"

Camila Escudero
Professora doutora da Universidade Metodista de São Paulo

Tem uma famosa frase atribuída ao escritor Ferreira Gullart, que diz: "A arte existe porque a vida não basta". É uma frase que instiga múltiplas conexões e permite muitas interpretações. No entanto, principalmente, nos faz pensar. Refletir sobre o papel da arte na nossa vida.

Não da arte transcendental, que tem uma áurea e um significado difícil de entender e que, dizem por aí, nem todos estão aptos a compreendê-la. Mas, da arte e suas expressões do nosso cotidiano. Da música que escutamos no caminho para a escola, do filme que assistimos no cinema no fim de semana, da peça de teatro que produzimos nas aulas de Artes, do livro que precisamos ler a pedido do professor de Literatura, das danças que acompanhamos pela TV na época do Carnaval e por aí vai... Dessa arte que realmente nos importa, nos modifica e, que, em alguns momentos, expressa o que sentimos, inquieta-nos ou modifica os sentidos que damos à vida. Sim, "a arte existe porque a vida não basta".

E foi justamente essa arte tão presente no cotidiano que procuramos trazer para esta edição da revista ao focar no tema "cultura". São manifestações artísticas e culturais que estão ao nosso redor, a todo o momento, não só mexendo com nossos sentimentos, mas, ainda, com nosso desenvolvimento, em todos os sentidos. Nas próximas páginas, tenho certeza que você vai curtir saber sobre as atividades teatrais realizadas na EMEF Maria Aparecida Rodrigues Cintra. Ou, sobre a "Fábrica de Livros", da EMEF Tarsila do Amaral. Há, ainda, reportagens sobre as danças brasileiras, a cultura de Nova Iorque, a música afro, entre outras que, assim como a arte, pode te encantar. Tudo preparado com o carinho de sempre.

Esperamos que goste!

Índice

Fábrica de Livros da Tarsila

8

25 A dança na cultura brasileira

28 Nova Iorque e sua cultura afro-americana

16 Babalotim

32 Sonho X Realidade nos Estados Unidos

34 Um mergulho na cultura chinesa

36 Arte e cultura na escola

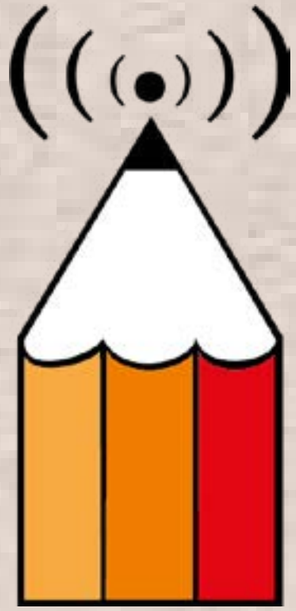
10 Da sala de aula para o palco

40 Como escrever um conto

8 Bastidores

47 Um pouco de poesia

44 Precisamos falar sobre igualdade étnico-racial



Parceria escola pública e universidade

Universidade Metodista de São Paulo

EDIÇÕES ANTERIORES

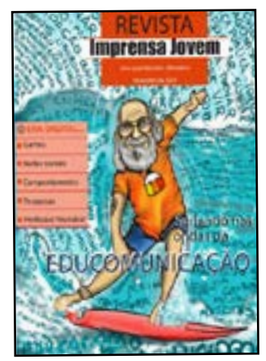
REVISTA IMPRENSA JOVEM

Leia as edições anteriores. É só posicionar seu celular no QRCode (ou clicar no número da edição) e acessar! Nossos conteúdos são livres.

EDIÇÃO 1

EDIÇÃO 4

EDIÇÃO 7



EDIÇÃO 2

EDIÇÃO 5

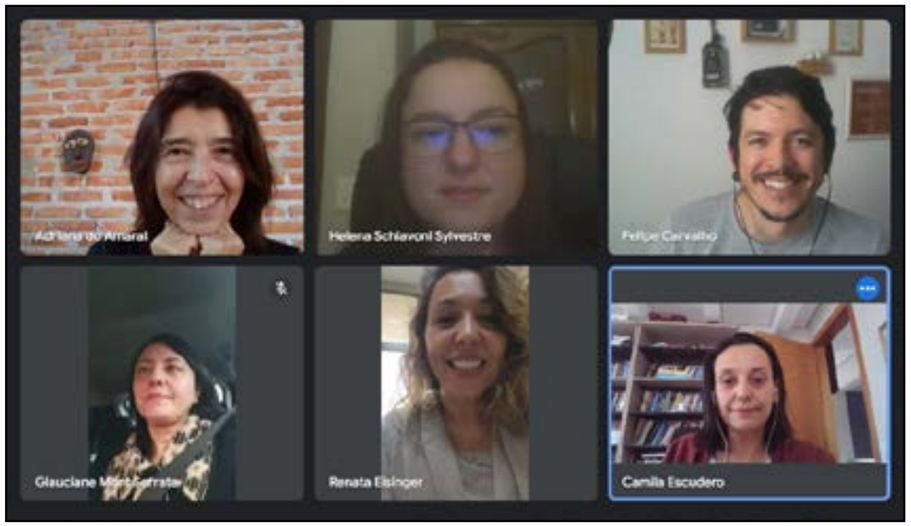
EDIÇÃO 3

EDIÇÃO 6

DEZEMBRO DE 2024
EDIÇÃO 8

BASTIDORES

Cada edição da **Revista Imprensa Jovem** leva um semestre para ficar pronta e envolve muita gente! As fotos registram os momentos inciais, de planejamento e realização de workshops de Jornalismo nas escolas.



ATIVIDADES começam com uma reunião de planejamento da equipe Metodista

INÍCIO dos trabalhos na EMEF Tarsila do Amaral teve até dinâmica com Lego

WORKSHOP de Jornalismo na EMEF Dom Paulo Rolim Loureiro

ESTUDANTES da EMEF Maria Aparecida Rodrigues Cintra participam de workshop

TURMA da oficina de Jornalismo da EMEF José Américo de Almeida

ENCONTRO animado na EMEF Humberto Dantas para conversar sobre Jornalismo

Da sala de aula *para o palco*

Texto e fotos:
EMEF Maria Aparecida Rodrigues Cintra

Quando falamos de teatro, estamos nos referindo a uma das artes mais antigas da humanidade. Consiste na representação de histórias encenadas diante dos espectadores que podem combinar fala, gestos, cenário e música.

O teatro é uma das representações artísticas mais conhecidas, porém, os primeiros indícios dele remontam à Pré-História, quando nossos ancestrais utilizavam a mímica, a dança e a música para representar acontecimentos do dia a dia, rituais e mitos. A expressão corporal era a linguagem universal, permitindo que os indivíduos se comunicassem, transmitissem emoções e ideias. Através da representação, a humanidade encontrava uma maneira de dar sentido ao mundo e celebrar a vida.

As raízes do teatro como conhecemos hoje podem ser traçadas até a Grécia Antiga, onde rituais em homenagem ao deus Dionísio deram origem às primeiras formas de drama. As tragédias e comédias gregas, que surgiram por volta do século V a.C., serviram como base à dramaturgia ocidental.

Ao longo dos séculos, o teatro se espalhou por diversas culturas, adaptando-se a diferentes contextos históricos e sociais. Na Roma Antiga, o teatro assumiu características próprias, influenciando a cultura europeia medieval e renascentista. Nas Américas, o teatro foi introduzido pelos colonizadores europeus, mas também absorveu elementos das culturas indígenas e africanas, resultando em formas de expressão artística híbridas e ricas.

No Brasil, o teatro chegou com os colonizadores portugueses, que utilizaram a arte dramática como ferramenta de catequização e imposição cultural. Ao longo do tempo, o teatro brasileiro se desenvolveu, incorporando elementos da cultura popular e da identidade nacional, e se tornou uma importante manifestação artística.

Em 2019, a magia do teatro chegou à EMEF Maria Aparecida Rodrigues Cintra, transformando a escola em um ambiente de criatividade e aprendizado! Tudo começou com o projeto "Jogos e Brincadeiras no Teatro", sob a orientação do talentoso professor Betto Pita. Através de atividades lúdicas e divertidas, os alunos foram introduzidos ao mundo da dramaturgia, desenvolvendo habilidades como expressão corporal, comunicação e trabalho em equipe. O teatro tomou força e conquistou os palcos, realizando três apresentações em eventos dentro da escola e também alçando voo para fora dos muros escolares, apresentando um rap autoral na Diretoria Regional de Ensino Freguesia/ Brasilândia.

O teatro, como alicerce das práticas pedagógicas, auxilia no desenvolvimento dos estudantes. A partir das atividades e dinâmicas propostas, os alunos e alunas podem aprimorar suas habilidades de comunicação, criatividade e trabalho em equipe. Através da interpretação de personagens e criação de cenários e histórias, o teatro incentiva a imaginação, a busca por soluções e o trabalho mútuo. Além disso, fomenta a construção de laços e impulsiona a autoconfiança das crianças e jovens participantes.

ENCENAÇÃO da peça “Rapunzefa”

BETTO PITA é o professor de teatro da EMEF Maria Aparecida Rodrigues Cintra. Ao centro, com os estudantes participantes da peça "Rapunzefa", em 2023

Com a palavra, o professor

Entrevistamos o professor Betto Pita, para conhecer mais sobre a sua trajetória no mundo artístico até introduzir as práticas teatrais em suas aulas, viabilizando momentos e experiências potentes e inspiradoras. Confira!

Imprensa Jovem: Como você iniciou sua carreira no teatro?

Betto Pita: Acho que desde sempre o teatro esteve presente na minha vida. Mas o início creio que foi quando estava cursando Comunicação Social, e em um dos trabalhos que meu grupo tinha que realizar precisava de atores, e eu me interessei. Quando tivemos a avaliação do professor, ele indicou que eu procurasse um curso de teatro porque me achava muito expressivo. Quando me formei, foi o que fiz.

IJ: Qual foi a peça mais marcante na sua vida?

BP: Como ator, acredito que tenha sido um espetáculo chamado "Se Ali Se Visse", que foi resultado de um processo de pesquisas e experimentações. Nesse processo, nós não éramos só os atores, mas pensávamos e executávamos tudo. Foi muito potente.

IJ: Qual a sua maior inspiração?
BP: Acredito que seja o teatro de grupo, trazendo a ideia de trupe mesmo, como o Grupo Galpão ou o Folias, dentre tantos outros. Mas o que me inspira a falar, fazer e ser teatro é o ser humano.

IJ: Como a sua formação ajuda a lidar com os desafios da sala de aula?

BP: Eu tive uma formação que me proporcionou ampliar repertório e visão de mundo. Tive a oportunidade de entender que tudo se constrói e se transforma a partir do coletivo, a partir da entrega, da disponibilidade, da escuta e do estudo. Descobri o poder do dialogar. Abrir espaços através das propostas pedagógicas que potencializem o diálogo, reflexões, vivências etc. Ter isso em mente é uma forma de saber quem eu sou naquele espaço e de não sucumbir nas dificuldades.

IJ: Conte-nos sobre a trajetória do Projeto de Teatro na EMEF.

BP: Começa quando chego no MARC, em 2019, como professor de Arte, e proponho o projeto "Jogos e Brincadeiras", no teatro para estudantes do Fundamental I. Depois, levo o teatro como fio condutor para dentro das aulas de arte. E a partir de 2022 começo a dar aula de teatro para as turmas do integral. Em 2023, estava com os quintos anos nas aulas da sala de leitura, e então decidi abraçar uma vontade de apresentar, e trabalhamos com a literatura teatral com o livro "Rapuzenfa", de Luciano Baldin. Em 2024, achei interessante propor um projeto no qual o foco fosse a experiência no processo de montagem teatral, e então nasce o projeto Grupo de Teatro MARC.

IJ: Quais habilidades os alunos podem desenvolver com o teatro?

BP: Muitas. Sempre falo que acredito que todo ser humano deveria ter pelo menos uma experiência com o teatro na vida. Vou citar aqui algumas como a possibilidade da integração, socialização de ideias, potencializar o lado criativo, escuta ativa, a ampliação de repertório, a oportunidade de desenvolver a parte intuitiva e racional através da expressão de suas emoções, levando também ao conhecimento de si mesmo e do mundo que o cerca. Dentre tantas outras...

IJ: Quais os maiores desafios que você enfrenta ao ensinar teatro?

BP: Acho que, em questão estrutural, é um espaço adequado para que a experiência seja potencializada. Mas, sabe como é, professor tem esse talento de fazer acontecer não importando as condições. E no quesito pedagógico, acho que a quantidade de estudante por turma. Aí junta a questão do espaço inadequado com o fato da turma numerosa.

IJ: Como foi a experiência de organizar uma peça na escola?

BP: Desafiador. Em muitos momentos mais desesperador ainda. Mas creio que no caso de "Rapunzefa" foi por ter sido realizada com duas turmas, então tínhamos por volta de 60 alunos em cena. Então organizar, direcionar e orientar duas turmas inteiras foi um desafio gigante, mas que no fim foi lindo de ver o resultado e principalmente o desenvolvimento de cada um.

IJ: Quais os objetivos do Projeto "Grupo de Teatro" e qual a importância das vivências nas aulas?

BP: O projeto, diferente das aulas de teatro que consta na grade horária, tem número reduzido de participantes, eles que se inscrevem e só isso já traz uma leveza maior ao trabalho. Mas vamos pensar que o próprio projeto é um processo também, estamos caminhando, passo a passo, nesta jornada de adentrar o universo da linguagem teatral e a cada ano a ideia é que eles possam ir construindo uma autonomia para que chegue no ponto em que eles consigam realizar um processo feito totalmente por eles.

IJ: Quais suas expectativas para o projeto no futuro?

BP: Que ele se consolide e que a gente possa experimentar o fazer teatral de todas as maneiras que a linguagem permite. Acho que tem tudo pra ser muito potente.

ENTREVISTA com o professor Betto para esta reportagem

ESTUDANTES fazem dinâmica (acima) e apresentação teatral para a turma (ao lado)

Com a palavra, os estudantes

Aproveitamos o momento, também, para entrevistar alguns participantes do Grupo de Teatro MARC e descobrirmos o quanto o projeto é fantástico para as aprendizagens.

IJ: O que te trouxe para o grupo de teatro da escola?

Walentyna Paulina: Participar da peça Rapunzel, sentir a energia do palco, ver as pessoas aplaudindo e todo o processo de decorar as falas.

IJ: Pra você, quais foram as maiores vivências nas aulas de teatro?

Helena Nakao: Na minha opinião, participar da peça Rapunzefa foi muito importante. Mesmo não sendo uma pessoa tímida, precisei lidar com o nervosismo para executar as falas pausadamente. Essa peça foi muito marcante!

IJ: Quais aprendizagens você observou que as aulas trouxeram?

Letícia Massuchette: Falar em público, não ter vergonha, raciocinar mais e ser confiante.

IJ: Como você lida com o nervosismo antes de uma apresentação?

Pedro Ribeiro: Bom, eu não sou muito de ficar nervoso, mas eu recomendo estudar muito o texto, se preparar psicologicamente, respirar fundo, beber água e atuar.

IJ entrevista o aluno Pedro Ribeiro para esta reportagem

HQ: Onézio Cruz

Babalotim

Texto e fotos:
EMEF Dom Paulo Rolim Loureiro

Fundado em 5 de janeiro de 1988, com a participação de mais de 15 pessoas, o grupo de dança negra contemporânea Babalotim tem performances que abrangem a dança, a música e a cultura africana. Mestra Solange Camargo tem 64 anos. é líder, e tem o prazer de continuar espalhando a cultura afro para o Brasil.

O grupo nasceu no quintal de uma casa, durante a realização de uma Festa de Santo Reis. A ideia inicial foi inspirada nas histórias passadas pela bisavó e na tradição cultural da família, com danças e uso de instrumentos improvisados, como baldes, latas e tampinhas.

Em 1989, o Babalotim se formalizou ao se inscrever no curso de dança da Oficina Cultural Luiz Gonzaga, onde as autoras do projeto conheceram o mestre Firmino Pitanga, que as introduziu a técnica da dança. Dois anos depois, o grupo passou a se apresentar em diversos eventos da região, tornando-se mais visível e ampliando seu objetivo de resgatar e valorizar a identidade cultural do povo negro.

O Babalotim se consolidou como uma importante referência na cena cultural da região de São Miguel Paulista, bairro da região Leste da capital pauista, participando de festas populares, como o Carnaval de Rua, e realizando apresentações em escolas, universidades e outros espaços culturais. O grupo também participou de importantes momentos, como o Festejo de São Benedito em Aparecida do Norte, em 2008, e o 1º Carnaval de Rua em São Miguel Paulista, em 2017.

Mesmo com a interrupção das atividades em 2020 devido à Pandemia da Covid19, os artistas seguiram promovendo a cultura negra por meio de atos simbólicos e continuou sua presença em livros e outras iniciativas culturais.

Uma trajetória que demonstra como a cultura popular e a luta pela identidade negra podem se manifestar através da arte, da música e da dança. Também, como o Babalotim cresceu a partir de uma vivência familiar, alcançando a visibilidade e o reconhecimento na cena cultural mais ampla.

Um trabalho que reflete um esforço contínuo para que o povo negro reconecte-se com sua ancestralidade e história. Como a história e cultura familiar se manifesta e se perpetua através da arte.

Breve relato

Fazer parte de tudo isso dá uma sensação de liberdade. Como se eu pudesse mudar o mundo só com a musica e a dança. Eu me sinto muito bem! Eu sempre tive essa ligação com a música e a dança dessa cultura. Desde pequenininho já gostava de tocar e dançar, por isso eu tenho essa paixão pela musica e pela dança. Nunca tive dificuldades com esse tipo de comportamento. Mesmo porque, publicamente, todo mundo no local em nossa volta, aonde a gente faz nossas atividades culturais, todos entendem que é uma atividade comum, e muito boa!

Murilo de Andrade Pontes Camargo

APRESENTAÇÃO do grupo exclusiva para a equipe de repórteres do Imprensa Jovem

SAIBA MAIS

O que significa o nome Babalotim?
Babalotim é um grande Boneco Yorubá. Onde crianças moçambicanas brincavam e dançavam o jêguede.

Mas, o que quer dizer Jêquede?
Jêguede é a dança feita, quebrando o corpo até o solo.

Resumindo:
Uma brincadeira infantil que virou tradição familiar que se perpetuou em cultura popular, se transformou em expressão artística e hoje está consolidada como arte.

Projeto Fábrica de livros da Tarsila

Texto e imagens:
EMEF Tarsila do Amaral

Entre linhas escritas, desenhos e ilustrações, os alunos, educadores e membros da comunidade escolar da EMEF Tarsila do Amaral (ou em parcerias com outras escolas), descobrem o prazer da criação literária com o projeto Fábrica de Livros da Tarsila. Esta ação não apenas ilumina os diversos talentos, mas, também, cria caminhos inusitados para a publicação independente de livros impressos por meio metodologia da Cultura Maker (faça-você-mesmo), um fomento à formação de sujeitos autorais, críticos e criativos e espaços de expressão e comunicação individual, coletiva ou colaborativa.

Mas o que é o Projeto Fábrica de Livros? Como e quando ele foi iniciado na EMEF Tarsila do Amaral? Para responder esta e tantas outras dúvidas, a **Revista Imprensa Jovem** foi buscar informações direto na fonte, entrevistando o professor Luis Mario da Conceição, que organiza as atividades do projeto.

Imprensa Jovem: Como e quando o Projeto Fábrica de Livros da Tarsila começou aqui na Tarsila do Amaral?

Luis Mario da Conceição: O Fábrica de Livros da Tarsila começou da seguinte forma: Eu trabalho com Informática e, quando faço qualquer coisa, gosto que elas tenham e façam algum sentido. E com os recursos tecnológicos, como o celular, por exemplo, dá para criar *blogs*, *sites*, livros digitais, vídeos, podcast e divulgar suas ideias e pensamentos. O celular é uma ótima ferramenta para aprender! Foi durante as aulas de Informática Educativa que eu comecei a prestar atenção nas habilidades dos alunos. Eu aprendi a observar o que os alunos têm de diferente e, comecei a "ver" muitos talentos e várias habilidades espalhadas por toda escola. Notei que alunos que rabiscavam mesas, cadeiras ou paredes podiam transformar seus talentos em livros de desenhos! Depois, vieram os livros com textos com histórias diversas, frases e pensamentos, poemas em prosa ou versos e, ao longo de mais de 10 anos, muitos livros foram feitos! São mais de 200 livros de autores diferentes, e já foram produzidos mais de 5.000 livros para dentro e fora da escola.

IJ: Quando você começou com a ideia do Projeto Fábrica de Livros da Tarsila você ficou pensando se ia dar certo ou não?

LM: Quando comecei a fazer os livros, não pensei se ia dar certo ou não. Eu só fui fazendo. Fiz para a primeira pessoa e ela ficou muito contente e isto me motivou a continuar fazendo livros. Uma pessoa falou para uma outra e aos poucos o que era apenas uma ideia foi se transformando em realidade. No começo nem era uma "fábrica de livros", era uma pequena "oficina de livros". Não foi fácil, não foi simples, mas com o tempo o projeto se mostrou possível, com muita insistência e persistência.

IJ: Qual foi o primeiro livro?

LM: Foi em 2004, muito antes do Projeto Fábrica de Livros da Tarsila. Eu transformei o texto de conclusão do curso de especialização que eu fiz, num livro. Ele ficou num formato mais clássico, com capa dura e eu fiquei muito contente. Quando olhei, pensei: "Olha que legal, dá para fazer livros e eu sei fazer livros!" Em 2008, comecei a trabalhar aqui, na EMEF Tarsila do Amaral, e, em 2009, fui designado como POIE (Professor Orientador de Informática Educativa). Durante as aulas, fui desenvolvendo várias atividades, entre elas, o fazer livros. O primeiro livro feito pelo Projeto Fábrica de Livros da Tarsila, é o livro da Professora Neire em 2014. Foi o primeiro livro registrado na Câmara Brasileira do Livro. E a Professora Neire gostou tanto que fez mais dois livros. Atualmente, ela é uma parte fundamental do projeto, faz a Revisão ortográfica.

IJ: E os livros de alunos? Qual foi o primeiro livro?

LM: Como sempre são feitos vários livros ao mesmo tempo, vou considerar os livros que ficaram prontos primeiro e também foram registrados na Câmara Brasileira do Livro: "O Ratinho Francês", do autor Bruno Romão, e "Rubi: Respostas Ocultas" da autora Yasmin Gonçalves e cada livro tem a sua própria história de como foram feitos.

IJ: Quem pode fazer livros? E como são feitos?

LM: De maneira simples e direta, todos podem participar. Pode ser aluno da escola, professores, pais, amigos, conhecidos da nossa escola ou de outras escolas. Costumo dizer que basta aceitar o desafio: "E ai, topa fazer um livro?". Um dos princípios do projeto é o de iluminar talentos. Por exemplo, é comum estudantes que ainda não sabem ler ou escrever mas sabem se expressar oralmente ou por meio de imagens e desenhos. Quem sabe ler e escrever, desenvolve suas histórias. Quem sabe desenhar, cria livros de desenhos ou faz parceria com quem gosta de escrever. E há, também, quem goste de escrever e não goste de desenhar e é assim que surgem os livros colaborativos. E assim vai... Os livros são produzidos "por", "para" e "com" os estudantes. É um processo artesanal. Dentro da perspectiva da Cultura Maker, onde trabalhamos com o que temos, adaptamos técnicas de encadernação e ferramentas para que a ideia de produzir livros possa acontecer. Assim, por mais simples que pareça, no Projeto Fábrica de Livros da Tarsila são utilizados: notebook, impressora jato de tinta, máquina de encadernar (daquelas de fazer apostilas com espiral), pistola de cola quente, linha, agulha, tesoura, estilete, grampeador, régua de aço, base de vidro para corte, barra de ferro e uma cantoneira em "L". A única máquina/ferramenta que é interessante investir é a guilhotina semi industrial para acabamento final do livro. Mas o interessante é que são itens de fácil acesso e, geralmente, estão disponíveis em qualquer escola.

FACHADA da escolaTarsila do Amaral, sede do projeto Fábrica de Livros

Etapas de produção do livro

INÍCIO

1 Organização do material do livro: textos e imagens

2 Digitalização de todo material – digitação do texto e digitalização das imagens

3 Diagramação e montagem do miolo, utilizando softwares específicos ou os mais populares, como Word e Power Point

ETAPAS do processo de produção de um livro

4 Elaboração da Capa do livro no computador

5 Conversão dos arquivos em PDF

6 Impressão de todo material (miolo e capa)

7 Encadernação (cortar, furar, costurar, laminar a capa, colar, refilar e embalar)

FIM

IJ: Quais são as etapas do processo de criação dos livros?

LM: Vamos lá! Para fazer os livros considero duas grandes partes: a objetiva e a subjetiva. A parte subjetiva depende muito de cada pessoa. Algumas ainda estão na fase do desejo de ter um livro. Não escreveu e nem desenhou nada. Nem sabe por onde começar. Geralmente este "querer" fazer um livro é despertado por alguém próximo que fez ou está fazendo um livro. Há pessoas que já escrevem, desenham ou até mesmo já fizeram o "rascunho" modelo do seu livro em seus manuscritos. Nesses casos todo este material é transformado no formato convencional dos livros impressos. São livros que já estão prontos e recebem uma atualização e digitalização ou impressão. Há livros que já estão digitalizados, ilustrados, montados e diagramados prontos para imprimir e encadernar. Em cada uma dessas situações, cabe uma orientação e apoio específico. Destaco que, mesmo com todo material do livro pronto, algumas pessoas ainda demoram/resistem em criar seus livros impressos pelos mais variados motivos... Assim, para cada livro, dentro da sua história de produção e processo de autoria, tem um tempo para acontecer. Agora, sobre a parte objetiva, de maneira bem direta, com todo o material nas mãos, digitalizado ou não, em menos de 72 horas o livro fica pronto para impressão e encadernação. Se houver disponibilidade financeira para o registro na Câmara Brasileira do Livro, em aproximadamente 7 dias úteis, o livro fica pronto com Certificado de Registro Autoral, Ficha Catalográfica, ISBN e Código de Barras.

IJ: Dá para perceber a diferença no desenvolvimento dos estudantes que participam e os que não participam do Projeto Fábrica de Livros da Tarsila?

LM: Posso dizer que sim, mas não é tão simples assim afirmar isso. O processo de aprender é muito individual. É uma coisa de dentro para fora e muitas vezes, a gente pensa que a pessoa não aprender ou não está aprendendo aquilo que estamos ensinando porque nem sempre isto é visível. Quem participa do Projeto Fábrica de Livros da Tarsila e faz um livro, seja como autor, escritor, desenhista ou ilustrador, individual, em coautoria ou coletivamente vive uma experiência transformadora porque escrever um livro, de alguma forma, projeta a pessoa para a eternidade. Quantos anos pode durar um livro? Então, fazer um livro é tornar uma pessoa ou a lembrança dela eterna. É perpetuar as memórias dela ao longo dos tempos. Fazer livros é isso: é ir além do tempo. Já aconteceu várias vezes do estudante terminar de fazer o livro e dizer o seguinte: "Minha mãe não vai acreditar que foi eu que fiz este livro!". E quando leva o livro para casa e mostra com orgulho sua criação, passa a ser reconhecido como "autor" da família. Os livros de poemas e pensamentos feitos pelos estudantes também revelam muitas aprendizagens e transformações. Alguns deles, revelam vivências, amores, experiências de vida de uma realidade violenta, cruel e sofrida pelas mais variadas formas de violência e quando tem seus livros em mãos, revelam/verbalizam: "Este livro me ajudou bastante!"; "Toda vez que eu estava triste ou com medo, eu escrevia."; "Este livro realizou o meu sonho de ser escritor(a)!" E é por isso e muitas outras coisas que eu posso afirmar que é possível "ver" a diferença entre os estudantes que participam e os que não participam do Projeto Fábrica de Livros da Tarsila. O projeto cria canais de comunicação e aproximação/vinculo com os estudantes e educador que da maneira cotidiana não seria possível acessar.

IJ: Qual é o seu papel como professor de Educação Digital no projeto Fábrica de Livros da Tarsila?

LM: Primeiramente, o meu papel assim como o de todos os educadores, é o de plantar sonhos e despertar a curiosidade pela vida na cabeça de cada um dos estudantes. Complementar a isto, eu trabalho na perspectiva de iluminar talentos. Eu sempre fico de olho naquilo que cada um tem de especial. Isso não é uma tarefa fácil e nem tão pouco simples. É preciso paciência, insistência e persistência para ajudar, na medida do possível, cada um perceber que aquilo que ele ou ela faz, é importante. E cada um tem o próprio tempo de se descobrir. Ultrapassada esta primeira etapa, tudo vai de organizando.

IJ: Como os alunos escolhem os temas e escrevem suas histórias?

LM: Cada estudante tem a liberdade de escolher o tema das histórias. É muito comum as ideias e histórias surgirem durante as atividades na sala de aula, nas produções de textos ou mesmo nas aulas da Sala de Leitura, inspirados pelas leituras realizadas pelos professores ou nos livros que cada um escolhe para ler.

IJ: De que maneira a ilustração e a revisão são integradas na produção dos livros?

LM: As possibilidades são bem variadas. Elas podem ser coletivas ou podem ser feitas pelo próprio escritor ou escritora. É comum os próprios estudantes formarem parcerias com colegas que gostam de desenhar. Assim, os talentos artísticos vão sendo divulgados entre os próprios estudantes. Nos casos em que não há nenhuma indicação pelos autores, faço um trabalho de articulação, aproximação e parcerias entre os desenhistas/ilustradores e os escritores. Atualmente, também começamos a utilizar a Inteligência Artificial para criar imagens. Depois que o livro está pronto/montado, o autor ou autora aprova o modelo, é enviado para a revisora que voluntariamente realiza esta tarefa.

IJ: Como os professores e outros membros da escola colaboram no projeto?

LM: É muito legal ver o carinho e o respeito de todos aqui na escola com o Projeto Fábrica de Livros da Tarsila e, direta ou indiretamente, todos terminam contribuindo e colaborando com a produção dos livros. A direção da escola sempre faz tudo o que é possível para providenciar os materiais para a produção dos livros. As educadoras e educadores fazem parcerias interdisciplinares para produção de livros, observam e indicam estudantes que mostram habilidades diferenciadas nas produções de textos ou nas produções artísticas e também participam como autores e escritores de livros.

IJ: E como os livros são registrados? Todos os livros são registrados? Precisa pagar alguma coisa para registrar o livro?

LM: Nem todos os livros que foram feitos no Projeto Fábrica de Livros da Tarsila são registrados justamente porque para registrar cada livro é preciso pagar a taxa de registro na Câmara Brasileira do Livro. Hoje, o valor é de R$ 196,55 para cada livro e, levando em consideração o contexto financeiro da maioria das famílias que são atendidas pela nossa escola, este valor compromete uma parcela significativa do orçamento familiar. No começo, isto não permitia que nenhum livro fosse registrado mas agora isto não é mais um problema porque já encontrei algumas soluções para esta questão. Uma das primeiras soluções que fiz ou escrever livros de poesias, vender e juntar dinheiro para ir registrando os livros. Com isto fiz três livros. Outra forma de capitalizar foi o "Apadrinhamento Literário", no qual qualquer pessoa pode pagar pelo registro do livro (valor total ou contribuições livres) e seu nome é incluído na ficha técnica do livro como apoiador do jovem autor. E a outra alternativa é o apoio e incentivo direto aos escritores. Ofereço 10 livros gratuitamente com as orientações sobre o custo do material para a produção de cada livro e o valor para venda. Com a venda dos livros, cada empreendedor gera renda suficiente para pagar pelo registro.

IJ: Quais são os planos futuros para o Projeto Fábrica de Livros da Tarsila na escola?

LM: Eu fico imaginando quando houver, pelo menos mais um professor ou professora em cada escola apoiando, incentivando e fazendo livros com os alunos... Imaginem como seria legal! Mais pessoas fazendo e ensinando a fazer os próprios livros.

IJ: Professor Luis, foi um prazer realizar esta entrevista e conhecer mais sobre o Projeto Fábrica de Livros da Tarsila que é um sucesso aqui na escola. E eu quero encerrar esta entrevista dizendo o seguinte: "O projeto Fábrica de Livros é incrível! Ter um livro é muito especial. Por que, às vezes, é o sonho de uma pessoa. Saber que elas têm a oportunidade de realizar o sonho de suas vidas, de graça e dentro da escola é gratificante e sensacional!

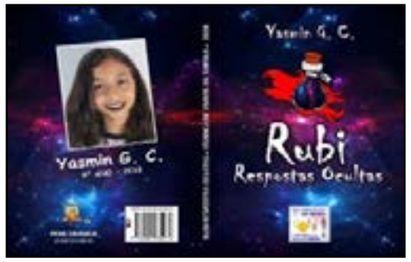
LM: É isso mesmo: Esse é um trabalho realizado dentro de uma escola pública. Ele é fruto da articulação e parceria entre vários educadores que se empenham ao máximo para transformar a vida de cada um dos nossos estudantes por meio da educação pública e de qualidade!

O Ratinho Francês, de Bruno Romão

É um livro que começou com uma atividade de produção de texto em sala de aula. Bruno Romão fez a produção de uma história que ficou muito legal e a professora orientou que ele procurasse o Fábrica de Leitura da Tarsila. Assim, que ele mostrou a história, foi colocado o desafio de fazer um liivro. Ele aceitou de imediato! As ilustrações foram feitas por seus colegas.

Rubi: Respostas Ocultas, de Yasmin Gonçalves

O livro da Yasmin demorou 3 anos para ficar pronto. Ela já estava escrevendo no celular, porém quando estava na metade do livro, seu celular foi roubado. Perdeu toda produção e começou a escrever novamente os capítulos. E o novo celular ainda deu defeito duas vezes. No final, foram 268 páginas de textos divididas em 32 capítulos e 11 ilustrações, todas produzidas por ela.



Cadê o saci?

LIVROS produzidos pelo projeto. Abaixo, lançamento "surpresa" da obra Cadê o Saci?

O professor Luis Mario compartilhou uma história bem legal de como um dos livros foi produzido: "Cadê o Saci".

A autoria do livro é de Rita Braga, coordenadora e formadora dos educadores da Sala de Leitura da Diretoria Regional de Educação do Butantã – DRE-BT). E o personagem principal desta história (da história de como foi feito o livro) é o professor Reinaldo, que trabalha na Sala de Leitura da EMEF Tarsila do Amaral, junto com a professora Magali Cristina Alves da Silva. Ele faz um trabalho de incentivo a leitura com foco na Literatura Brasileira e, em especial, com o tema Folclore Brasileiro.

Neste trabalho de encantamento, estímulo à imaginação e a criatividade da criançada ele conta as histórias do Saci-Pererê e suas peripécias. Numa destas histórias, narra que o Saci mora na nossa escola e, diferente das outras histórias, ele vive livre, leve e solto aprontando por aqui e acolá.

A casa do Saci é num buraco em uma das árvores lá no bosque. É comum, durante as aulas da Sala de Leitura, realizarem expedições por todos os espaços da escola em busca do Saci e, quando chegam no bosque, com peneiras, garrafas, lupas e até uma escada, muitos afirmam "ver" o personagem de gorrinho vermelho escondido no oco da árvore, é tudo encantador!

Conhecendo esta práticado professor Reinaldo, Rita Braga, que também é escritora e ilustradora, criou um poema contando a história do Saci. E, com a professora Magali, transformou a ideia em um livro.

O projeto foi feito em parceria com o Fábrica de Livros da Tarsila e ilustrado pelos estudantes Victor Araújo e Rebeca Portella. A autora Rita Braga tinha organizado com a professora Magali o lançamento do livro surpresa para o professor Reinaldo. Ela não sabia que, na verdade, seria o lançamento de duas versões do livro, cada uma com ilustrações exclusivas.

Foto: Divulgação - TV Cultura

Programa *Imprensa Jovem no Ar*, da TV Cultura, que vai ao ar aos domingos, às 11h15

Parceria escola e TV pública

CULTURA

A *dança* na cultura brasileira

Texto e imagens:
EMEF José Américo de Almeida

PROFESSORA Juliana Torres Fazzio, em aula de dança com estudantes da EMEF

O Brasil é um país extremamente diverso. Isso se reflete também na cultura. Como a dança faz parte disso?

A dança é uma expressão artística e cultural muito apreciada no Brasil. Existem diversos estilos de dança que refletem a luta e a história de um povo. Entretanto ainda há muitos desafios a serem enfrentados.

De acordo com a professora Juliana Torres Fazzio, formada em dança pela Faculdade Paulista de Arte e professora da EMEF José Américo de Almeida, "a dança aqui no Brasil não é bem vista, na maioria das vezes, ela é encarada apenas como uma festa ou um movimento mais social do que artístico".

A professora ainda fala sobre a dificuldade da profissionalização, uma vez que as pessoas não entendem a dança como arte, como um espetáculo.

Uma forma de amenizar a visão a respeito da formação cultural e artística é trabalhar com as crianças. A professora Juliana desenvolve um projeto com alunos do 1º ano ao 9º ano, o qual amplia o conhecimento através da sensibilização da arte como movimento, que se torna importante para a valorização desde cedo.

Conheça algumas danças da cultura popular do Brasil

Apreciar a dança e valorizar como movimento cultural faz com que aprendamos mais sobre o nosso próprio país, uma vez que o Brasil tem extensão continental, fazendo com que exista muita diversidade cultural. Ainda há outras danças típicas de diversas regiões não mencionadas aqui, que igualmente devem ser valorizadas e respeitadas.

SAMBA
É originário do Rio de Janeiro, ligado ao estilo musical do mesmo nome, que surgiu entre as comunidades afro-brasileiras urbanas no início do século XX.

BUMBA MEU BOI
É uma manifestação cultural que mistura teatro, música e dança para contar a história da morte e ressurreição de um boi. A dança incorpora elementos das culturas europeia, africana e indígena. A encenação é feita com um boi de armação de madeira revestida com tecido bordado e colorido, controlado por um homem que fica embaixo da fantasia, chamado de miolo do boi. No Brasil, o Festival de Parintins é a maior expressão desta personagem folclórica.

CARIMBÓ
É uma dança folclórica brasileira, típica do estado do Pará, na região Norte do Brasil. A dança surgiu no século XVII, e sua origem mescla as culturas e os costumes indígenas, africanos e europeus. O carimbó é dançado em pares, e uma de suas características são os movimentos giratórios. O carimbó é uma dança de roda, o homem convida a mulher para a dança batendo palmas na frente dela. As roupas utilizadas são sua marca registrada. As saias das mulheres são muito coloridas, com bastante volume, e rodadas, para um efeito mais bonito durante o movimento da dança.

Foto: Pixabay

ESCOLAS de samba do Rio de Janeiro (*ao lado*), Bumba meu Boi e capoeira (*abaixo*)são expressões artísticas envolvendo danças brasileiras

Foto: Fernando Frazão/Agência Brasil

Foto: Fernando Frazão/Agência Brasil

FREVO
É uma dança folclórica típica de Pernambuco, uma das principais manifestações culturais do estado. Suas características mais marcantes são as roupas e a pequena sombrinha usada na dança, sempre muito coloridas.

FORRÓ
É uma festa e um gênero musical originários do estado de Pernambuco e disseminado na região Nordeste do Brasil, bastante popular e comum, especialmente nas festas juninas. O nome da festa forró é usado para nomear distintos gêneros musicais como o xote, baião, arrasta-pé e o xaxado, por isso quem não conhece suas histórias, as confundem com um gênero único. As músicas são executadas tradicionalmente por trios instrumentais com acordeão (sanfona), zabumba e triângulo. O forró é dançado em pares em posição de abraço aberto que se alterna em velocidade de acordo com o estilo tocado.

CAPOEIRA
É uma expressão cultural afro-brasileira que mistura movimentos corporais de dança e artes marciais, com a música e o jogo. A capoeira é caracterizada por um gingado que envolve o corpo todo, descrevendo círculos na roda ao som de instrumentos musicais, cantos e palmas. A capoeira é dividida em duas principais categorias: Angola e Regional, sendo a de Angola mais tradicional e busca resgatar a herança africana, enquanto a Regional recebe mais influências de artes marciais.

Nova Iorque e sua cultura afro-americana

Pedro Fernandes
Estudante da EMEF Paulo Duarte

Oi, eu sou o Pedro Fernandes, participante do Projeto "Comissão de Jovens para o Pacto do Futuro e Agenda 2030", da EMEF Paulo Duarte, da Diretoria Regional de Educação de São Mateus.

Os alunos Pedro Murilo e Vitória Calado viajaram a Nova Iorque com a missão de representar os estudantes de escolas públicas em reuniões e conferências da ONU.

Eles se hospedaram em um hotel no bairro do Harlem, que possui uma rica história com raízes da cultura afro-americana. As vivências culturais são vibrantes. Vamos conhecer!

O Apollo Theater, um dos teatros mais famosos do Harlem é um ícone da música e cultura afro-americana. Foi inaugurado em 1914 como cinema, mas era frequentado apenas por brancos devido a segregação racial. A partir de 1934, tornou-se palco para muitos artistas afro-americanos durante a era do Jazz. No programa "Amateur Night", ou Noite dos Amadores, lançou a carreira de muitos artistas famosos como Duke Ellington, Louis Armstrong, James Brown, Ella Fitzgerald e Charlie Parker. Na frente do teatro, há uma calçada da fama simbólica com nomes de artistas lendários que passaram por ali.

O Victoria Theater foi inaugurado em 1917 como um teatro de variedades e rapidamente se tornou um ponto de encontro para artistas afro-americanos, especialmente na Era do Jazz. O Victoria Theater também foi um local onde muitos artistas negros puderam se expressar e ganhar reconhecimento em um período em que a segregação racial era prevalente. Além disso, o teatro desempenhou um papel crucial na promoção da cultura afro-americana, ajudando a moldar a cena musical do Harlem. Após uma revitalização significativa como parte de um projeto de preservação e modernização, o espaço se tornou multifuncional que combina o histórico do teatro com as novas instalações: hotel Renaissance, espaços comerciais, apartamentos residenciais acessíveis e espaços culturais para performances, exposições e eventos.

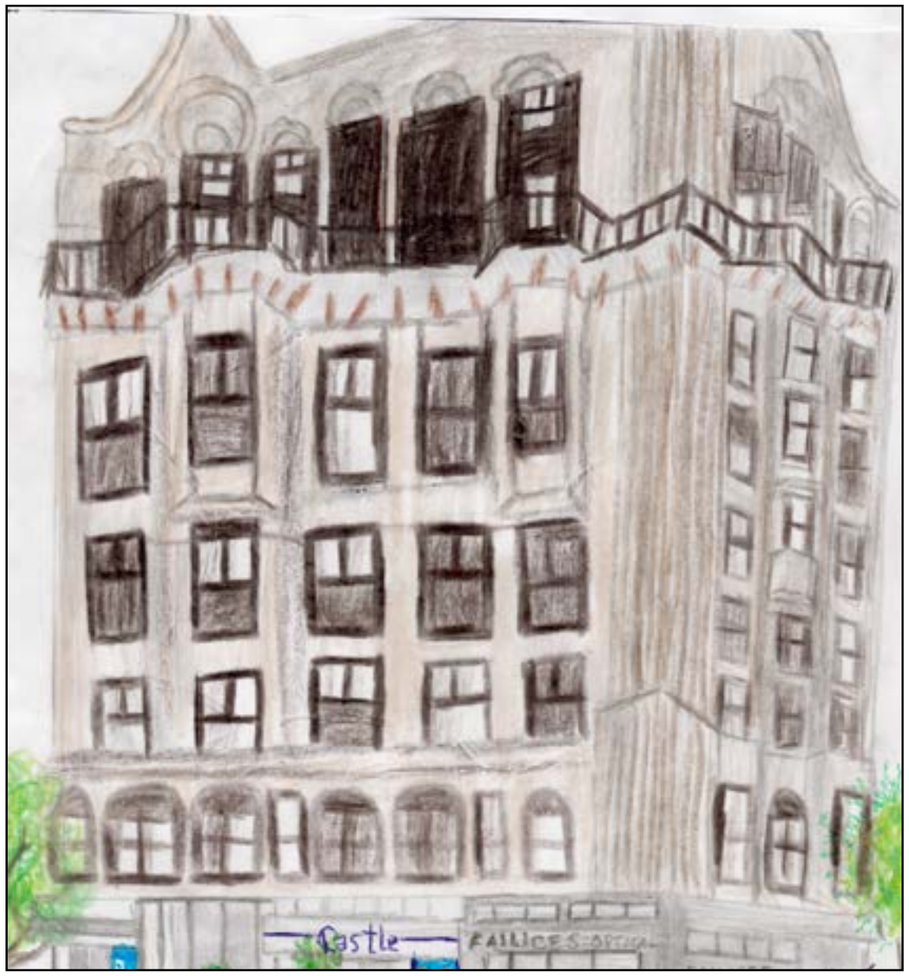
Hotel Theresa, também conhecido como Theresa Towers, foi um dos centros sociais mais importantes do Harlem. Construído entre 1912 e 1913, foi, inicialmente, exclusivo para hóspedes brancos, mas mudou sua política de segregação racial em 1940. Durante a era de ouro do Harlem, o hotel hospedou muitas pessoas proeminentes da comunidade afro-americana, incluindo Malcon X e Fidel Castro, onde tiveram uma longa conversa. Diversos artistas, atletas e músicos afrodescendentes se hospedaram pelo fato de terem sua estadia negada no centro devido a enorme e ainda presente segregação racial. Hoje, o edifício é usado como um prédio de escritórios, mas continua sendo um marco.

DESENHOS de pontos de Nova Iorque conhecidos pelos estudantes

O antigo Renaissance Hotel, já hospedou diversos artistas ícones da cultura afro-americana como: Aretha Franklin, Diana Ross, Duko Ellington, Billie Holiday, Louis Armstrong, James Brown, Nina Simone, Jimi Hendrix, Sarah Vaughan, Ella Fitzgerald e Sammy Davis Jr.

O Renaissance New York Harlem Hotel está localizado no histórico edifício Victoria Theater, na 125th Street, reformado e inaugurado em 2023, e foi onde a equipe ficou hospedada. O hotel celebra a rica história do Harlem, combinando com elementos do passado, presente e futuro. O hotel incorpora a fachada histórica do Victoria Theater e preserva elementos de art déco. O ambiente da recepção é aberto ao público e aos hóspedes, que em sua grande maioria é de pessoas afrodescendentes.

O estilo do hotel segue a cultura afro, principalmente no estilo musical, jazz e blues, sempre com música ambiente, obras de arte, referências a culturas e personalidades. O espaço conta também com um salão de eventos para casamentos, festas e conferências.



O Harlem localiza-se no norte da ilha de Manhattan, em Nova Iorque. É um bairro com uma rica história cultural, artística e política, profundamente ligado à herança afro-americana.

Na década de 20, ocorreu a ascensão do Harlem Renaissance – que foi um movimento de "auto escrita" do povo afrodescendente, no qual utilizaram da literatura, música, pintura e teatro para falarem de si próprios em primeira pessoa, relatando medos, vitórias, angústias e anseios a partir de suas perspectivas, não mais pautado pelo olhar de quem está fora. Atualmente, a expressão por meio da arte não para.

A cada esquina percorrida no Harlem é evidente as artes realizadas por suas próprias mãos. Nos fins de semana, há performances musicais pelas ruas principais e um espírito vibrante pelas ruas do bairro. Na fronteira do bairro, fica a Columbia University, que é uma das instituições mais renomadas do mundo.

NOVA IORQUE é uma das cidades mais conhecidas de todo o mundo pela sua rica e intensa agenda artística e cultural

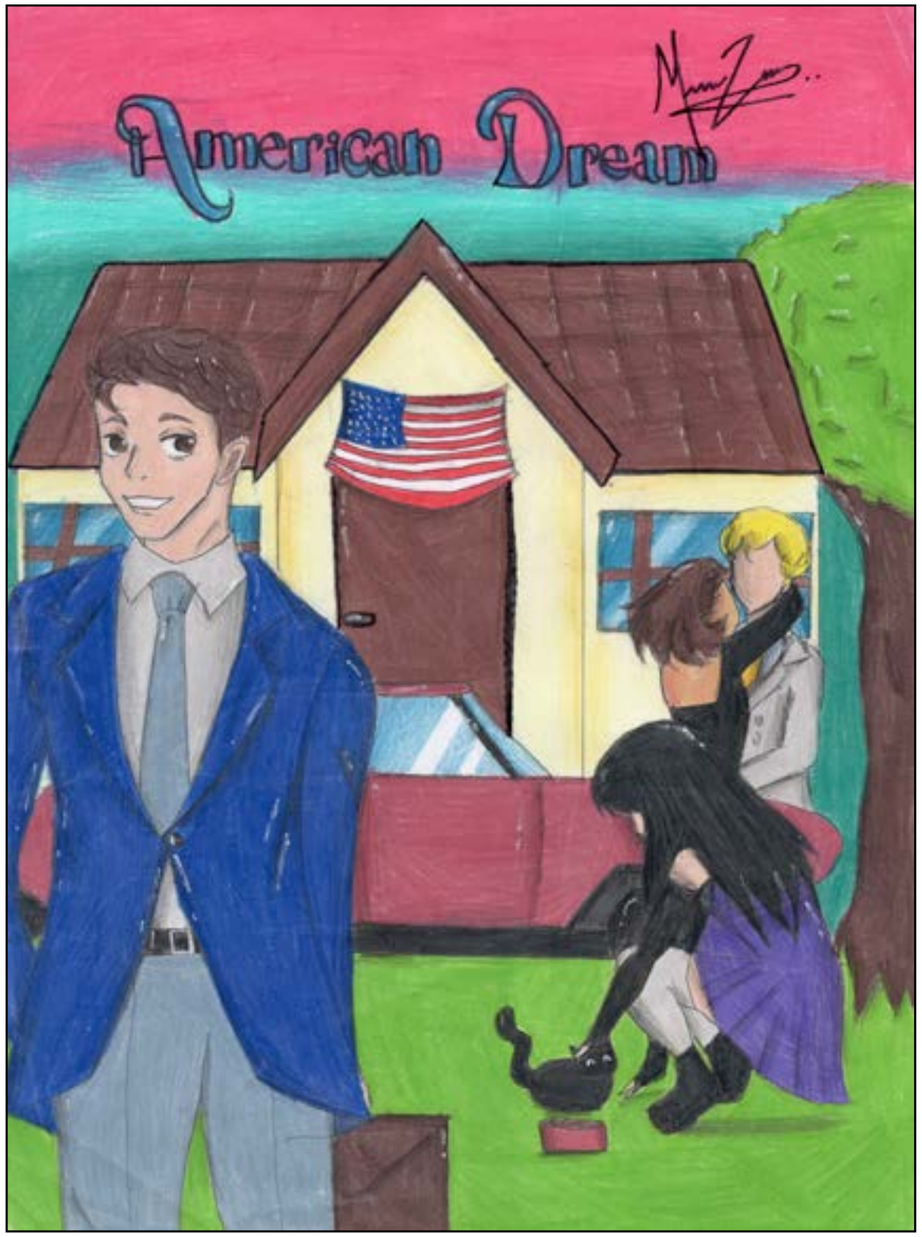
Universidade Metodista de São Paulo

Veja no Instagram um pequeno vídeo que os estudantes do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Metodista fizeram sobre a Revista Imprensa Jovem. É só clicar no QRCode abaixo! :)

Parceria escola pública e universidade

Sonho X Realidade nos *Estados Unidos*

AS ALUNAS Maria Luiza Leitão Lopes (à esq.) e Keissy Hyelly Ferreira de Paula (Khay Miler), da EMEF Paulo Duarte, produziram ilustrações que refletem o que pensam sobre o sonho e a realidade americana



Nova York é bela

Yasmin M. T. Lourenço
EMEF Pedro Fernandes

No eco dos passos apressados,
rostos cansados.

Nos arranha-céus, a solidão se esconde,
Histórias perdidas em cada horizonte.
O brilho das luzes não cobre a tristeza,
De quem luta e cai na dureza da mesa.

Cantos de esperança, mas também de dor,
A desigualdade grita, um clamor sem amor.
Os sem-teto dormem sob o céu estrelado,
Sonhos em um mundo despedaçado.

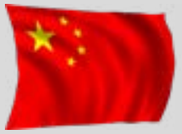
Trânsito eterno, buzinas que berram,
A pressa devora o que os corações gritam.
Entre o glamour e a realidade crua,
Nova York é bela, mas a vida é nua.

No Central Park, um respiro se encontra,
Mas mesmo a natureza à dor se confronta.
No lugar em que se busca paz em meio à confusão,
Está a poluição.

Assim é Nova York, um sonho e uma prisão,
Uma cidade que brilha e também traz aflição.
Por trás da fachada de glamour e alegria,
Existem as sombras da dura realidade fria.

Um mergulho na cultura *chinesa*

Carlos Lima
Coordenador do Núcleo de Educom da SME-SP



ALGUNS registros da experiência da Missão Jovem Repórter na China (2024)

O projeto Imprensa Jovem na China, parte do programa Kids 20 do G20 Brasil, levou estudantes brasileiros a uma experiência única de intercâmbio cultural em comemoração aos 50 anos das relações diplomáticas entre Brasil e China. A Missão Jovem Repórter contou com a participação de quatro estudantes, três professoras e os coordenadores do Programa Imprensa Jovem e de Educação Midiática da Presidência da República.

A comitiva visitou as cidades de Pequim, Chengdu e Xangai, explorando marcos históricos como a Grande Muralha e a Cidade Proibida, e conhecendo o Centro de Conservação do Panda Gigante. Em Pequim, os estudantes experimentaram a grandiosidade da história chinesa, enquanto Chengdu proporcionou um olhar profundo sobre a conservação ambiental. Já Xangai surpreendeu com sua modernidade e tecnologia de ponta, evidenciando o contraste entre tradição e inovação.

As estudantes Ana Clara D'Ávila e Isabela Lima, da EMEF M'Boi Mirim, tiveram a oportunidade de relatar suas experiências em uma missão diplomática inédita, destacando-se como jovens repórteres. Elas produziram conteúdos para as redes sociais e Canais de TV Chinesa. Participaram de diálogos nos quais puderam apresentar o **Imprensa Jovem** para escolas chinesas, Associação Cultural dos Países Amigos da China, Embaixada da China no Brasil e para a vice-ministra das Relações Exteriores chinesa, ampliando o alcance do projeto.

Ana Clara destacou a importância de preservar o patrimônio cultural e sua experiência transformadora ao interagir com jornalistas e autoridades chinesas. Isabela, por sua vez, ficou sensibilizada pelas questões ambientais e pela inovação tecnológica. Ambas afirmaram que o projeto fortaleceu suas habilidades comunicativas e ampliou suas visões de mundo.

Arte & cultura na escola

Texto e imagens:
EMEF Humberto Dantas

A EMEF Humberto Dantas, localizada na região da Casa Verde Alta, em São Paulo, é uma escola comprometida com a formação integral de seus alunos e com o fortalecimento dos laços com a comunidade. Reconhecida por sua dedicação à educação de qualidade, a escola se destaca como um espaço de aprendizado, crescimento e transformação, criando uma conexão significativa com o bairro e promovendo um impacto positivo na vida de todos.

A arte e a cultura ganham destaque na escola, inspirando alunos a mostrar suas habilidades e participarem de projetos inovadores. Da música à fotografia, passando pela literatura e artes visuais, os talentos estão por toda parte e fazem nossa comunidade escolar se encher de orgulho.

Na escola, a valorização dessas áreas se reflete em diversas atividades que enriquecem o ambiente escolar e promovem a expressão criativa dos estudantes. Nesta reportagem, será explorada a importância da arte e da cultura, suas contribuições para o aprendizado e o impacto positivo que geram na vida dos estudantes.

PROJETOS

A escola conta com diversos projetos que visam promover a arte e a cultura entre os estudantes. Essas iniciativas são fundamentais para o desenvolvimento da criatividade, permitindo que os estudantes explorem suas habilidades e se expressem de maneiras únicas.

De acordo com a professora Patrícia Fernandes, responsável pelos projetos **Imprensa Jovem**, Podcast e Grêmio Estudantil, "tudo começou com um simples projeto de fotografia. Em apenas três meses, o comprometimento e a dedicação das alunas transformaram tudo, dando origem à **Imprensa Jovem**. Essa iniciativa mudou a percepção de todos na escola sobre projetos e seu impacto. Hoje, a EMEF Humberto Dantas não só enxerga a comunidade de uma nova forma, mas também é vista por ela como uma escola renovada, que inspira, transforma e cria oportunidades.

Um dos projetos que se destaca é o **Imprensa Jovem,** em que os estudantes não apenas experimentam a profissão de jornalistas, mas, também, aprendem sobre fotografia e a criação de roteiros. Por meio de passeios, entrevistas e saídas para estudos de campo, surgem novas oportunidades que chamam a atenção dos alunos e despertam interesses. Essas experiências práticas enriquecem o aprendizado, permitindo que os estudantes desenvolvam habilidades essenciais de comunicação e expressão visual.

O projeto é tão importante que auxiliou a aluna Luanna que sempre teve uma paixão pela música, especialmente pelo canto. Desde que começou a participar do **Imprensa Jovem**, Luanna se sente mais segura para demonstrar seu talento e sua voz. A experiência de escrever e compartilhar suas histórias a ajudou a desenvolver não apenas suas habilidades de comunicação, mas também sua autoconfiança.

Participando de entrevistas e colaborando em projetos, Luanna descobriu que a arte da escrita e a expressão musical podem andar de mãos dadas. Ela começou a se apresentar em eventos da escola, encantando a todos com sua voz poderosa e emotiva. O **Imprensa Jovem** não apenas a incentivou a explorar sua paixão pela música, mas também a conectou com outros alunos que compartilham interesses semelhantes, criando um ambiente de apoio e inspiração.

Luanna Souza Basílio é um exemplo de como a arte e a cultura podem transformar vidas. Sua jornada no **Imprensa Jovem** a motivou a se expressar de maneira mais autêntica, e ela agora sonha em seguir uma carreira na música, levando sua mensagem e seu talento para ainda mais pessoas. Com o apoio da escola e a força da comunidade, Luanna está pronta para brilhar e inspirar outros a fazer o mesmo.

Outro projeto inovador é o Podcast, que permite que os alunos se aprofundem em temas de interesse, desenvolvendo habilidades de locução, edição de áudio e produção de conteúdo. Os estudantes têm a liberdade de escolher os assuntos que desejam abordar, estimulando a pesquisa e a discussão crítica. O podcast também serve como uma forma de conectar a escola com a comunidade, permitindo que as vozes dos alunos sejam ouvidas.

O professor Manoel Severino da Silva, de História, da rede de ensino municipal de São Paulo, desde 2003. é um dos envolvidos.

PROFESSOR Manoel Severino com estudantes durante projeto na escola

ESTUDANTES da Humberto Dantas com a professora Patrícia Fernandes

LUANNA é uma das participantes do projeto Imprensa Jovem, da EMEF

No âmbito musical, o projeto Percussão oferece aos alunos a oportunidade de praticar diversos instrumentos, em que aprendem ritmos variados e a relevância da música na cultura. Por meio de ensaios e apresentações, os estudantes aprimoram suas habilidades musicais, desenvolvem o trabalho em equipe e cultivam a disciplina, tudo isso enquanto se divertem explorando o universo da música.

Além disso, o projeto tem promovido significativa mudança no comportamento dos alunos, incentivando a concentração e a responsabilidade. A cada dia, são descobertos novos talentos entre os estudantes, que se destacam não apenas pela habilidade musical, mas, também, pela confiança e pela criatividade que desenvolvem ao longo do processo. Este projeto é um dos mais procurados pelos alunos e, frequentemente, é convidado a se apresentar em eventos, encantando a todos com suas performances.

Lucas J. C. Nogueira é um aluno que, por muito tempo, teve dificuldades em se concentrar e se comportar adequadamente na escola. No entanto, sua vida começou a mudar com a participação no projeto de Percussão. Pela música, Lucas encontrou uma nova paixão que não apenas o ajudou a canalizar sua energia, mas também transformou seu comportamento.

Com o envolvimento nas atividades de percussão, Lucas descobriu que tinha talento tanto para tocar instrumentos quanto para dançar. Ele se destacou durante os ensaios, mostrando um ritmo natural e uma habilidade impressionante para se movimentar ao som da música. Essa nova descoberta trouxe uma felicidade genuína para Lucas, que agora se sente mais confiante e motivado. Hoje, Lucas é um jovem feliz e realizado, pronto para explorar ainda mais seu potencial artístico.

Outro projeto da escola, o Viva Música, tem como objetivo promover o conhecimento e a valorização das manifestações artísticas e culturais de diversas origens. Por meio de atividades que exploram brincadeiras, danças e ritmos de diferentes culturas, incluindo os dos povos originários do Brasil, os estudantes têm a oportunidade de vivenciar e entender a riqueza da diversidade cultural. Este projeto não apenas enriquece o repertório musical dos estudantes, mas também os sensibiliza para a importância da preservação e do respeito às tradições culturais, promovendo um ambiente de aprendizado inclusivo e enriquecedor. Ao se envolverem com essas expressões artísticas, os alunos desenvolvem uma apreciação mais profunda pela cultura brasileira e global, fortalecendo sua identidade e consciência social.

O Grêmio Estudantil também apoiou iniciativas culturais da escola, como a campanha contra o *bullying* e a organização de uma grande ação contra o abuso sexual, com participação do Professor Luis, *tiktoker* conhecido por Olha Professor. Essas ações fortalecem a relação entre arte e temas importantes, mostrando como a cultura pode transformar comportamentos e ampliar o dia.

Outro projeto é o Fotografia Autoral, iniciativa que estimula os alunos a capturarem momentos e a expressar suas perspectivas sobre o mundo por meio da fotografia. Os estudantes aprendem técnicas de composição, iluminação e edição, o que os ajuda a desenvolver um olhar crítico sobre o cotidiano e a comunidade em que vivem. Como resultado, foi criado um livro que reúne as fotografias dos alunos, lançado durante nossa Mostra Cultural, realizada em novembro de 2024.

O Clube de Leitura tem sido um espaço especial para explorar a literatura. Recentemente, os alunos mergulharam na obra de Manoel Severino, escritor e nosso supervisor de ensino. Após a leitura de seu livro, ele participou de uma roda de conversa, compartilhando histórias e reflexões que inspiraram os estudantes. Além disso, durante a Bienal do Livro, ele protagonizou um momento especial ao participar de um episódio do podcast da **Imprensa Jovem**.

Alunas como Maria Eduarda Ferraz, Nathalya de Almeida Bastos e Beatriz Graziely Santos Gonzales conduziram uma entrevista, trazendo questões sobre a escrita, educação e o papel da literatura na transformação social e na construção de um pensamento crítico entre os jovens. A entrevista destaca como a literatura pode atuar como uma ferramenta de inclusão, reflexão e diálogo, conectando experiências individuais a questões universais. Este momento foi marcante para os estudantes, que se sentiram motivados a explorar ainda mais o mundo das palavras e a compartilhar suas próprias histórias, ideias e reflexões por meio da leitura e da escrita.

LUCAS e a professora Alessandra Monteiro (à esquerda) e a turma do projeto Fotografia Autoral, da EMEF

Já o projeto de Artesanato se destaca como uma iniciativa inovadora que oferece aos alunos a oportunidade de explorar e desenvolver suas habilidades manuais e criativas. Com uma abordagem que une arte e cultura, os estudantes mergulham em diversas técnicas de artesanato, como pintura, costura e reciclagem de materiais, permitindo que cada um expresse sua individualidade e criatividade de maneira única.

Mais do que apenas uma atividade artística, o projeto promove a valorização da expressão pessoal e a construção de identidade. Ao trabalhar com diferentes materiais e técnicas, os alunos têm a chance de experimentar e descobrir novas formas de se comunicar artisticamente, ampliando seus horizontes criativos.

Em suma, arte e cultura são pilares para a formação de cidadãos críticos, criativos e conscientes. Os projetos apresentados nesta reportagem não apenas enriquecem o aprendizado dos alunos, mas, ainda, os encorajam a ver o mundo sob uma nova perspectiva, valorizando a beleza que muitas vezes passa despercebida no cotidiano.

Ao investir em arte e cultura, prepara-se os estudantes para um futuro mais inclusivo e inovador, em que suas vozes e talentos possam brilhar. Por meio das mais diversas experiências culturais, a escola mostra que é um lugar onde a cultura se torna parte do aprendizado.

Aos 7 anos, desfilando em uma escola de samba do bairro, Mestre Avelar Lima Ibide Ferreira deu os primeiros passos de uma trajetória que mistura paixão, ritmo e transformação social. Foi na Mocidade Alegre, onde começou como ritmista, que encontrou sua vocação e, anos depois, tornou-se diretor de bateria. Com talento e dedicação, expandiu seus horizontes na Dragões da Real, assumindo o posto de mestre de bateria, uma posição que direciona não só técnica, mas também liderança e sensibilidade para inspirar e unir os integrantes da escola de samba, promovendo um ambiente de colaboração e criatividade que enriquece a experiência de todos os envolvidos. Mas o brilho do samba não ficou restrito às avenidas. Mestre Avelar levou sua experiência e amor pela música para transformar vidas. No Centro para Criança e Adolescente (CCA), ele encontrou a verdadeira essência de sua missão: usar a musicalização como ferramenta para educar, inspirar e mudar destinos. Hoje, no projeto Bandas, Fanfarras e Percussão da DRE Freguesia/Brasilândia. "Não podemos mudar o mundo, mas podemos mudar para o bem a vida de crianças", diz.

MESTRE Avelar usa a musicalização como ferramenta para educação

Como escrever um conto

Quando escrevi meu primeiro conto, a ideia parecia tão simples. Um personagem, um conflito e uma história curta, certo? Errado. Descobri que escrever um conto é como criar um universo em miniatura: cada detalhe importa. Quero compartilhar com você o passo a passo que mudou minha escrita e me fez apaixonar ainda mais pelo processo.

Helena S. Sylvestre
Doutoranda em Comunicação Social na Universidade Metodista de São Paulo

ENCONTRE A CENTELHA DA HISTÓRIA
Toda história começa com uma faísca. Pode ser uma imagem na sua cabeça, uma frase marcante ou uma sensação inexplicável. Pergunte-se: o que essa ideia quer dizer para o mundo? Por exemplo: E se um relojoeiro pudesse consertar o tempo, mas perdesse a própria memória a cada reparo?

ESCOLHA SEU PROTAGONISTA
O coração do conto é o protagonista. Quem é essa pessoa? Qual é o desejo mais profundo dela? E o que está impedindo que ela alcance esse desejo? Uma dica: Imagine seu protagonista como alguém sentado à sua frente. O que ele diria? O que esconderia?

CRIE UM CENÁRIO VIVO
O cenário é mais do que pano de fundo; ele molda a história. Escolha um lugar que converse com a emoção do conto. Quer transmitir nostalgia? Um parque abandonado. Quer tensão? Uma rua deserta à meia-noite. Uma sugestão: Use os cinco sentidos para descrever o ambiente sem exagerar. Um detalhe forte pode dizer mais do que um parágrafo inteiro.

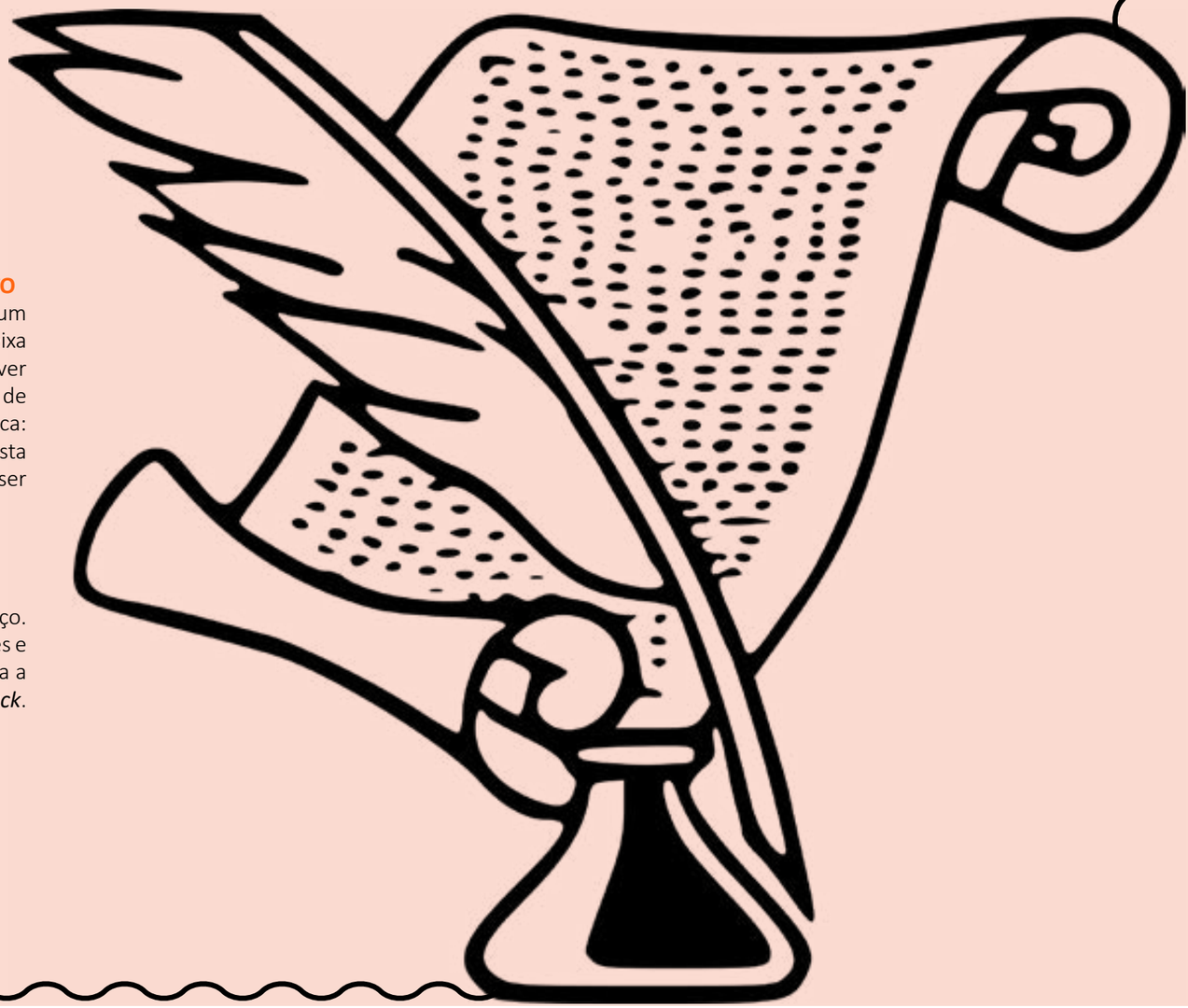
ESCREVA UM COMEÇO IRRESISTÍVEL
O começo deve puxar o leitor para dentro do conto. Jogue-o direto no momento mais intrigante, ou comece com uma frase que o faça questionar tudo. Por exemplo: “Naquela manhã, todas as cartas tinham cheiro de rosas... menos a que veio para mim”.

DESENVOLVA O CONFLITO
O que está em jogo? Um bom conflito não precisa ser explosivo; ele só precisa importar profundamente para o personagem. Pode ser uma escolha impossível, um medo incontrolável ou um encontro inesperado.

VÁ DIRETO AO PONTO
No conto, cada palavra conta. Corte tudo o que não avança a trama ou revela algo essencial. Pergunte-se: se eu tirar essa parte, a história ainda funciona?

ENTREGUE UM FINAL DE IMPACTO
Um conto memorável é como um soco: ele chega de repente e deixa uma marca. Seu final deve resolver o conflito ou trazer um ponto de reflexão que reverbere no leitor. Dica: Considere o que seu protagonista aprendeu (ou não). O final deve ser inevitável, mas surpreendente.

REVISE COM OLHOS DE LINCE
O primeiro rascunho é só o começo. Leia em voz alta, procure repetições e verifique o ritmo. Se possível, peça a outra pessoa para ler e dar *feedback*.



Escrever contos é um exercício de paciência e paixão. Não existe fórmula mágica, mas há algo transformador no processo: você descobre histórias dentro de si que nunca imaginou contar. Então, pegue essa ideia que está piscando na sua mente e comece. Um conto pode ser pequeno, mas o impacto que ele causa pode ser enorme. Agora é com você: o que você quer contar ao mundo?

COMISSÃO de Jovens para o Pacto do Futuro e Agenda 2030 com a embaixadora Irene Vida Gala

Texto e fotos:
EMEF Paulo Duarte

Jovem, diplomacia e relações internacionais

A Comissão de Jovens para o Pacto do Futuro e Agenda 2030 teve a honra de conhecer a embaixadora Irene Vida Gala por meio de uma videoconferência que os deixou profundamente inspirados e motivados para os eventos na ONU em Nova Iorque. Essa oportunidade única foi proporcionada pelo professor Fábio Gomes, coordenador de projeto de Filosofia e Sociologia do Centro Paula Souza, que os apresentou à diplomata e destacou sua trajetória marcante como defensora da igualdade racial, inclusão na diplomacia brasileira e pelo projeto MONUEM.

O projeto é concebido pelo Escritório de Representação das Relações Exteriores em São Paulo, com o objetivo de realizar simulações no modelo das Nações Unidas para alunos da rede pública, seja estadual ou municipal de São Paulo, preferencialmente para os estudantes do Ensino Médio.

A embaixadora, com sua visão inspiradora, conectou a Comissão com a Missão Permanente do Brasil na ONU, destacando o papel estratégico da missão frente aos interesses do Brasil e na promoção de agendas globais fundamentais. Essa oportunidade permitiu que os estudantes compreendessem melhor o impacto da diplomacia, o valor da representatividade nos espaços internacionais e ainda foram recebidos pela ministra Viviane Balbino e pelo segundo secretário, João Henrique, no escritório em Nova Iorque.

VISITA

Após a participação efetiva dos estudantes nos eventos da ONU durante o Action Days Summit of the Future, a embaixadora foi até a escola para conhecer os integrantes da Comissão de Jovens para o Pacto do Futuro e Agenda 2030. Com os olhares atentos dos estudantes, Irene compartilhou sua trajetória e os valores da diplomacia.

Irene Vida Gala é uma diplomata brasileira com uma sólida carreira no Ministério das Relações Exteriores (Itamaraty). Ingressou na carreira diplomática em 1986, após se formar em Direito pela Universidade de São Paulo (USP). Ao longo da sua trajetória, especializou-se nas relações do Brasil com os países africanos. Ocupou vários cargos nas missões em nações como Angola, Gabão, República Democrática do Congo, São Tomé e Príncipe, Libéria e Serra Leoa. Em Gana, foi a primeira mulher negra embaixadora do Brasil. Também trabalhou na embaixada do Brasil em Lisboa, no Consulado de Roma e foi conselheira na missão do Brasil junto à Organização das Nações Unidas.

Atualmente, Irene é subchefe do Escritório de Representação do Itamaraty em São Paulo e é uma das principais vozes na luta por mais espaço para mulheres no Ministério das Relações Exteriores. Ela está a frente dessa mobilização como presidenta da Associação das Mulheres Diplomatas do Brasil. Segue trabalhando a ampliação das relações Brasil-África e na promoção de políticas externas mais inclusivas.

FUNÇÕES

Durante a visita, a embaixadora contou várias histórias em relação a sua paixão pela África e fatos marcantes. Alguns dos relatos chamaram a atenção do grupo de jovens. Ela presenciou uma situação complicada com três turistas, onde ficaram sem documentos e sem recursos após um incidente grave. Como diplomata, Irene entrou em ação para apoiá-los, mostrando a importância de ajudar pessoas em momentos de vulnerabilidade extrema e como as embaixadas e consulados desempenham um papel importante para os cidadãos brasileiros em dificuldades no exterior.

Outra situação marcante foi em relação aos trabalhos em Angola durante a guerra civil e no pós-guerra, lidando com as consequências dos conflitos, incluindo as minas terrestres. “As mulheres não mandam seus filhos e seus maridos para a guerra. As mulheres querem construir a paz”, ressaltou a embaixadora.

Na luta pela igualdade de gênero, com ênfase, Irene relatou para as estudantes que: “feminista é uma mulher que entende que ela sendo mulher, vive uma condição de sujeição na política e é uma pessoa que ganha menos”.

A mulher é um ser biológico que quando ela entra na sociedade, passa a sofrer com um número muito grande de preconceitos, dificuldades e barreiras. A feminista é aquela mulher que sabe disso e que luta contra essa diferença. Primeiramente, eu sou uma feminista e depois uma mulher.” A embaixadora deixou um legado para que as estudantes estudem muito, porque terão que mostrar que não são iguais aos homens, mas melhores do que eles. Irene, vê na educação os princípios para a formação de líderes para o futuro.

A EMEF Paulo Duarte foi pioneira em proporcionar o protagonismo dos estudantes em âmbito internacional, permitindo o pensar, refletir e o compartilhar as ideias, introduzindo jovens no mundo e proporcionando as vivências culturais desses países. Irene ressalta que a iniciativa da escola de promover debates e ir às grandes reuniões internacionais é absolutamente essencial, pois ao falar da política externa, permitem que os jovens possam atravessar as fronteiras, tornar sonhos em realidade e tirar o estigma que a diplomacia é apenas para as elites. A trajetória da embaixadora inspira novas gerações.

Ilustração: Khay Miler (Keissy Hyelly Ferreira de Paula)

Precisamos falar sobre *igualdade étnico-racial*

Texto e imagens:
EMEF Paulo Duarte

No Fórum do Desenvolvimento Sustentável, realizado em abril em Santiago do Chile, Vitória Calado e a equipe do Imprensa Jovem participaram de eventos pautados sobre a ODS 18 – Igualdade Étnico-Racial, apresentado pelo Presidente Lula em 2023, na Assembleia Geral da ONU. No evento paralelo, "Enfrentamento ao racismo na agenda de desenvolvimento sustentável", mediado pela Letícia Leobet, do portal Geledés, Instituto da Mulher Negra, foi pautado sobre a nova ODS 18, que fala sobre o enfrentamento ao racismo e a desigualdade étnico-racial, além de reforçar a necessidade da criação de um grupo de afrodescendentes nas discussões e espaços de tomada de decisões da Nações Unidas.

A estudante Trinity Ohana, do 6º ano, esteve no presente e relatou: "Não dá para falar em desenvolvimento e futuro melhor sem enfrentar o racismo de verdade. Essa meta é importante porque ela coloca o dedo na ferida, mostrando que o racismo estrutural existe e precisa acabar. Falar só de igualdade no geral não resolve nada se a gente não der atenção para quem realmente sofre com a desigualdade. Sem justiça racial, não tem como o mundo ser justo de verdade".

Em outras oportunidades, Tatiana Dias, diretora de Avaliação, Monitoramento e Gestão da Informação, representando o Ministério da Igualdade Racial, destacou os esforços do Brasil na luta contra o racismo e na promoção da Igualdade.

Diretora do Identidades do Brasil conversou com o IJ

ENCONTRO entre Luciana Genót e estudantes da EMEF Paulo Duarte, em Nova Iorque

Já do outro lado do mundo...

Que experiência enriquecedora em Nova Iorque! Luana Genót, fundadora e diretora executiva do Instituto Identidades do Brasil, conversou com Pedro e Vitória durante o evento "Planet Positive Innovation" no Rockefeller Center Plaza.

A Identidades do Brasil é uma organização que trabalha em várias frentes. Na área social atua na promoção da equidade racial, fortalecimento da identidade negra e combate ao racismo estrutural. Na área educacional, promove o letramento racial e climático nas escolas, fomentando a consciência antirracista e inclusão. No mercado de trabalho, promove oportunidades para que negros e indígenas ocupem cargos de liderança, ou seja, políticas afirmativas.

Luana deixou um recado para os jovens: "Mais do que dizer NÃO ao racismo, a gente diz SIM à igualdade racial. A gente diz, que é uma causa que precisa ser de todas as pessoas". Aproveitou também para divulgar o seu livro "Mais forte entre lutas e conquistas".

Ilustração: Pedro Fernandes Silva

Metas do ODS 18

* Eliminar a discriminação étnico-racial no trabalho
* Garantir acesso ao sistema de justiça
* Garantir representatividade e reparação
* Promover memória, verdade e justiça
* Acesso a saúde de qualidade
* Acesso a educação de qualidade
* Garantir diálogo e participação social
* Eliminar xenofobia e tratar migrantes com dignidade
* Eliminar formas de violência contra povos indígenas e afrodescendentes

Mas, afinal, qual a importância?

Fome zero, erradicação da pobreza, paz, justiça e instituições fortes, trabalho decente e crescimento econômico... esses são alguns dos objetivos de desenvolvimentos sustentáveis, metas estipuladas para serem alcançadas até 2030. Mas disso, boa parte de nós conhecemos!

Entretanto, o que precisamos pontuar é a interseccionalidade, que trata da conexão e interação de fatores, muito difundida pela professora, escritora, filósofa e revolucionária norte-americana, Angela Davis.

Para a estudante Vitória Calado, "as metas dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), jamais serão alcançadas sem equidade e sem a igualdade étnico-racial. Em hipótese alguma, podemos considerar que estamos nos desenvolvendo se há racismo presente. Se a cada dia que passa uma vida negra é subtraída. Se esse 'desenvolvimento' se faz superior ao sangue do povo que fez nossa brasilidade, que nos deu resistência e coragem, mas também deu ginga, cadência e generosidade. O ODS 18, representa, sim, um avanço, mas não podemos amenizar a busca pela sua real efetivação. Afinal, como menciona Angela Davis: a Liberdade é uma luta constante".

Ilustração: Pedro Fernandes Silva

OS ODS integram a Agenda 2030, um plano ambicioso das Nações Unidas por um mundo mais justo

Um pouco de *poesia*

Pedro Murilo Gonzaga Borges
EMEF Paulo Duarte

Vozes da minha mente

Pedro Fernandes Silva
EMEF Paulo Duarte

Às vezes me pego pensando
Questionando minha cor
Minha pele,minha raça
O bater do tambor
Eu renego meu passado,
me aprisionando no futuro
Minha cor, minha etnia
O meu porto seguro
Algumas vozes me afligem,
me fazendo esquecer
"Pra" eu ter orgulho de mim mesmo
Meu Black é meu poder!
Deixo aqui minha mensagem,
preste muita atenção
Se liberte de sua mente,
deixe seu black voar,
Seja livre e corajoso,
não se deixe abalar
Tenho orgulho da minha raça,minha pele,minha cor
Sou negro(a) com orgulho
Sou negro com amor
Como diz Malcom X:
"Não lutamos por integração ou por separação
Lutamos para sermos reconhecidos como seres humanos"
Somos todos humanos.
Somos todos irmãos.

HQ: Onézio Cruz